

ead
eca - usp

TURMA 61
APRESENTA

de bernard-marie koltès

ZUCCO

direção josé fernando azevedo

de 10 a 26 de maio
de quarta a sábado às 21h
e domingo às 19h

rua da reitoria,
215 travessa da
av. professor
luciano gualberto
cidade universitária
(11) 3091-4376

produção bertha heller

Adriane Khoury Secco e família
Amália Santos Braga
André Iago
Antonio Alam
Babel Hajjar
Carla Zanini
Carlos Lozano
Carlos Vianna
Cia. Bruta de Arte
Claude Hajjar
Claudia Miranda
Daniel Ferrari Antosian
Diego Ribas
Eduardo Jorge
Eduardo Souza Lima Miranda (Dudu)
Eliane Maria Pinheiro de Barros
Espaço Maquinaria
Fernanda Oliveira Luvizotto
Fernando Alves Gomes
Felipe Alves Lima
Jacqueline Balieiro
Joaquim Martins Balieiro
João Pedro Menezes
João Teixeira Neto

Leopoldo Castro
Luiz Altieri
Mamede Jarouche
Maria Elza
Mariana Ribas
Marina Fávero
Marisa Campagnoli
Narahan Dieb
Paolo Ribas
Ricardo Coutinho
Rosana Neves de Oliveira Luvizotto
Rubens Rewald
Ruth Castro
Sandra Braga
Teatro de Narradores
Teresa Belmonte
Thiago Balieiro
Vanderlei Marcos
Vera Lozano
Veronica Avelar
Wagner Belmonte
Walter Luvizotto

FICHA TÉCNICA EAD

Seção técnica do teatro laboratório:
Diretora de Produção: Bertha S. Heller – Iluminação e Sonoplastia: Denilson Marques e Mário de Castro C. Cenotécnica: Alexandre Lopez Afonso, Juliano Tramuja, Nilton Ruiz Dias e Zito Rodrigues C. Costura: Ilza da Silva Santos e Silvana de Carvalho – Cenografia e Adereços: Jonas de Moraes, Paulo Basilio e Rafael Rios Filho.

Professores da EAD:
Ana Maria A. Miranda, Andrea Kaiser, Antonio Rogério Toscano, Celso Frateschi, Cristiana Paoli Quito, Elisabete V. Dorgam Martins (Bete Dorgam), Iacov Hillel, José Fernando P. de Azevedo, Maria Isabel Setti, Mônica de A. P. Montenegro, Sandra R. Sproesser, Silvana Garcia e Silvia Taques Bittencourt.

Secretaria:
Carlos Alves da Costa (Croata) e Roberto Elias Jugdar.
Diretor da Escola de Arte Dramática: Prof. Dr. José Fernando P. de Azevedo.
Vice-Diretora da Escola de Arte Dramática: Profa. Dra. Elisabete V. Dorgam Martins.
Diretora da Escola de Comunicações e Artes: Profa. Dra. Margarida M. Krohling Kunsch.
Vice-Diretor da Escola de Comunicações e Artes: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro.
Reitor da Universidade de São Paulo: Prof. Dr. João Grandino Rodas.
Vice-Reitor da Universidade de São Paulo: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz.

de bernard-marie koltès

ZUCCO

direção José Fernando Azevedo

Roberto Zucco parece escrita como um romance de destino com etapas sucessivas, um itinerário. Nada mais falso. A peça foi escrita como o cruzamento de uma tragédia e de um drama barroco com múltiplos personagens, enfiada em torno de um problema, que não é tanto "como alguém se torna um criminoso?", nem sequer: "que fazer do criminoso em uma sociedade organizada?", mas: "como viver a violência quando ela se inscreve em você, e você é ao mesmo tempo o agente e a vítima?"

Uma tragédia em que o fatal está *já sempre dado*, como em Racine, antes do começo da peça: Zucco já matou seu pai – o trágico se acha inscrito num erro anterior, imagem de uma violência que ultrapassa o criminoso. Não é difícil achar os cinco atos de uma tragédia:

- 1) a origem, os assassinatos (I-IV);
- 2) o nó, o obstáculo: a Família (V-VII);
- 3) a dupla peripécia, a denúncia e o assassinato do refém (VIII-X);
- 4) a derrocada (XI-XIII);
- 5) o resultado, o duplo fim de Zucco: prisão e morte (XIV-XV).

Mas essas são etapas trágicas singularmente modificadas: de pronto, o erro inicial se prolonga durante todo o primeiro ato; em seguida – e é o que é mais espantoso –, a peripécia é dupla e mal colocada, entra cedo demais no enredo; então o ato IV, ao invés de ser o ato da peripécia, parece o momento de uma marcha por etapas em direção a um fim visível; por fim, o desdobramento em dois momentos, como se fosse necessária uma dupla morte voluntária do herói, uma queda e uma ascensão.

Drama barroco ou shakespeariano – pela multiplicidade de personagens e ambientes, pela presença de personagens que desaparecem rapidamente, como a mãe ou o inspetor, ou de silhuetas, como os guardas – *Roberto Zucco* é, sobretudo, um tipo de drama "romântico" por se centrar em um personagem único, um excluído condenado à infelicidade, enquanto ao seu redor se amontoam indivíduos que têm *uma história*, sem identidade definida. A peça é, portanto, o cruzamento de formas teatrais diversas, e sua originalidade de estrutura é feita dessa tessitura, como se nessa última obra Koltès tivesse explorado suas possibilidades de síntese dramática. A isso se juntam os modelos do romance e do cinema americanos, com seus episódios que contam o itinerário de um herói e são marcados pela continuidade dos encadeamentos.

Uma característica muito particular da escritura de *Roberto Zucco* é a presença estranha de cenas múltiplas, no interior das quais se desenrola um drama em episódios. Assim é a III, cena em que se sucedem as lamentações da Irmã, a superveniência do Irmão, o estupro da Menina sob a mesa e a intervenção da Mãe. Mais espantoso ainda, o momento IV, que mostra a confissão do Inspetor e a chegada da Puta que narra, imediatamente após, a sua morte violenta. Outros dramas em episódios: a morte do Refém (sequência X), e a venda da Menina a um Cafetão (sequência XI). Quanto à sequência da prisão, ela comporta, após o diálogo entre os policiais, o canto de amor da Menina e a confissão de Zucco. Cada uma dessas sequências é um minidrama, do qual o espectador espera uma resolução, como se cada um comportasse um suspense especial. Técnica provavelmente tomada de empréstimo do romance policial, mas que aqui tem seu efeito reforçado pela simplicidade. Cada uma é uma mini-tragédia com unidade de lugar, de tempo e de ação, como se o modelo ideal da tragédia se multiplicasse.

Cada sequência é definida por um lugar, com uma progressão: às sequências I a VII, que se passam em uma casa, marcando a característica familiar das violências – à exceção do homicídio do Inspetor e da cena do metrô –, sucedem-se as cenas de lugares públicos, até as duas cenas finais, exibições teatrais de Zucco, como se ele tivesse passado da violência familiar, ou individual, a uma inscrição da violência nos espaços socializados, até essa em que ela aparece espetacular, teatralizada, mediatizada: "pobres criminosos reduzidos a serem o brinquedo de um espetáculo" – a menos que eles não tenham sucesso numa evasão mortal e mítica. Passar do familiar ao espetáculo, e do espetáculo à significação.

Bernard-Marie Koltès, Anne Ubersfeld, Collection Apprendre, Actes Sud-Papiers (Conservatoire National Supérieur D'Art Dramatique), 1999, Tradução de Fernando Alves Gomes.

TRAJETÓRIA

Desde o fim de nossa segunda oficina de montagem, em 2011, começamos a nos colocar a questão sobre o que gostaríamos de construir juntos no estágio na EAD. Começamos a buscar um "desejo comum".

O que deu liga, naquele momento, foi a ideia de nos aproximarmos da linguagem cinematográfica. Daí pra frente, muitas conversas, milhares de emails e alguns encontros. Demos início a alguns contatos, e continuidade a outros, na tentativa de articular uma equipe de trabalho que entrelaçasse os departamentos de artes da ECA. E na construção dessas relações fomos entendendo o nosso lugar e o teatro pediu passagem.

Convidamos, então, Zé Fernando, quem desde o princípio das dúvidas, paciente e provocador, nos escutou e apoiou a construir essas trajetórias.

O trabalho com o Zé começou em agosto de 2012. O projeto, então, eram *As Mil e Uma Noites*. Tivemos um semestre de leitura, estudo do texto e aproximação de árabes residentes em São Paulo, e a apropriação desse material na pesquisa e experimentação das linguagens musical, com Vitor Caffaro, é cinematográfica, com André Collazzi e Alexandre Carvalho.

Apesar de, nesse momento, não termos expectativas com nenhuma formalização do trabalho, participamos, a convite de Vitor Caffaro, da apresentação de seu TCC, no departamento de música, cantando nossas composições no diálogo do texto e da música.

No início de 2013 nos demos conta das nossas ambições. Depois de um tempo de reflexão e de termos nos debruçado sobre *As Mil e Uma Noites*, constatamos que a "falá de Sheerazade" não era comum a todos nós. Que o dispositivo de "contar histórias para não morrer" nos estimulava muito teoricamente, mas ao ser levado para a prática acabava um pouco deslocado do caminho que alguns haviam percorrido ou desejavam percorrer. Surge a meta: encontrar uma dramaturgia "pronta" que atravessasse a todos nós. A vontade de continuarmos juntos, de beber no outro, de construir algo coletivamente, falou mais alto. E a partir de algumas propostas do Zé - que junto conosco percebeu que dentro desse coletivo em formação o indivíduo era algo a ser reconhecido - nos encontramos em Koltès e seu Roberto Zucco.

Isso posto, começamos a construir a casa. O corpo chegou. O trabalho com Tarina de toque, percepção e reconhecimento de sensações dos órgãos e fluidos do corpo abriram nossos poros pra que as figuras do texto de Bernard-Marie Koltès pudessem tomar forma. The Doors compuseram uma trilha importante. Decisiva e intuitiva. Assim como o bom humor do Chico Ribas, o encanto do Raul Lozano e paciência do Vitor pra nos fazer cantar em coro.

O trabalho com Mônica Montenegro também se deu no estudo concreto das palavras e do texto, estruturando elementos de espaço e de tempo, pra que as imagens pudessem aparecer. O Danilo já estava lá, os andaimes vieram logo depois, mas a casa veio de repente, e em constante reforma, outra janela, outra escada, outra porta.

Os olhares do Ale e do André também já se faziam presentes por lá, e trouxeram possibilidades de edições de quadros e de recortes com o uso da câmera ao vivo e de projeções.

O desenho já estava lá, nas nossas trajetórias. A visão do Zé também: A sábia partilha, ao que

Eçabia a cada corpo e cada boca, nesse momento; a insistência na frontalidade, no confronto corpo-a-corpo, na percepção de lógicas de pensamento e interpretações.

por fim a organização desse coletivo, que apesar dos tropeços e dispersões, produziu esse trabalho.

ANGELA MARTINS DANTAS RIBEIRO
mãe da menina/senhor/delegado
AUREA BARROS TEIXEIRA
irmã/prostituta
BRUNA PINTO OZORIO DE SOUZA LIMA
madame
GIULIANA MARIA DE OLIVEIRA
mãe de zucco/prostituta
JULIANA BRAGA BELMONTE
menina
LUIS GUSTAVO OLIVEIRA LUVIZZOTTO
guarda 1/irmão/menino/policial 2
MELISSA CAMPAGNOLI JORGE
prostituta/senhora
PAULO ESTEVAO FREITAS BALISTIERI
guarda 2/pai/inspetor/cafetão/comissário/policial 1
RAFAEL LOZANO
roberto zucco



FICHA
TÉCNICA
ZUCCO

Músicos CHICO RIBAS, RAUL LOZANO
Arranjos VITOR CAFFARO
Preparação de Atores/Voz MONICA MONTENEGRO
Video ALEXANDRE CARVALHO, ANDRÉ COLLAZZI
Iluminação DENILSON MARQUES
Som MARIO DE CASTRO
Figurino AUREA TEIXEIRA
Cenografia DANILLO ERIC
Cenotecnia NILTON RUIZ, ZITO RODRIGUES
Design Gráfico ANGELA RIBEIRO
Produção BERTHA HELLER, TURMA 61
Codireção e Preparação de Atores TARINA QUELHO
Concepção e Direção Geral JOSÉ FERNANDO AZEVEDO